

**Heteronormatividade e diversidade sexual no espaço escolar:
uma análise a partir da série *Heartstopper***

***Heteronormativity and sexual diversity in the school space:
an analysis from the *Heartstopper* series***

Maria Teresa Petrucci Corrêa Machado GOMES¹
Luiz Gustavo Borges do ROSARIO²

Resumo

Essa pesquisa objetiva discutir os fenômenos da heteronormatividade e da diversidade sexual no ambiente escolar e suas possíveis implicações nas vivências de estudantes que não se identificam com padrões sociais heteronormativos impostos pela sociedade, tendo como objeto de análise a série *Heartstopper*. Optou-se por uma abordagem qualitativa na pesquisa, adotando-se o procedimento de revisão bibliográfica, além da análise e levantamento dos oito episódios da primeira temporada da série. Notamos que os achados enunciados na série revelam como a adolescência é um lugar de descobertas, principalmente no que tange a sexualidade. Considerando que o ambiente escolar é o local onde esses jovens passam parte de seu dia, as escolas devem ser pensadas como um espaço educativo e inclusivo, onde deve-se atuar de maneira crítica, democrática, transformadora e emancipatória, tendo a diversidade não apenas como uma resultância, mas sim como um direito.

Palavras-chave: Diversidade Sexual. Heteronormatividade. Escola. *Heartstopper*.

Abstract

This research aims to discuss the phenomena of heteronormativity and sexual diversity in the school environment and its possible implications for the experiences of students who do not identify with heteronormative social standards imposed by society, having as object of analysis the *Heartstopper* series. A qualitative approach was chosen in the research, adopting the bibliographic review procedure, in addition to the analysis and survey of the eight episodes of the first season of the series. We noticed that the findings stated in the series reveal how adolescence is a place of discoveries, especially with regard to sexuality. Considering that the school environment is the place where these young people spend part of their day, schools should be thought of as an educational and inclusive space, where one must act in a critical, democratic, transformative and emancipatory way, having diversity not only as a result, but as a right.

Keywords: Sexual Diversity. Heteronormativity. School. *Heartstopper*.

¹ Graduanda em licenciatura em Geografia pelo Instituto Federal Fluminense - IFF.
E-mail: mariapetruccimachado@gmail.com

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF. E-mail: luizgustavoborges@outlook.com.br

Introdução

As instituições de ensino abrigam uma grande quantidade de indivíduos que são, em sua maioria, plurais e heterogêneos. A diversidade identificada nestes espaços promove o encontro com a diferença no âmbito coletivo, como também as descobertas individuais. Assim, dentre as muitas nuances e multiplicidades observadas a partir da realidade de cada um dos alunos, nota-se a diversidade sexual. Muitos dos alunos que se identificam ou se descobrem LGBTQIA+³ passam a viver na escola um grande desafio, imposto pelo preconceito e, conseqüentemente, pelo silenciamento e pelo medo.

Nesse sentido, neste trabalho objetivamos analisar a diversidade sexual no ambiente escolar a partir da série *Heartstopper*, disponibilizada pela plataforma de *streaming Netflix*, que ilustra as dificuldades vividas por estudantes do ensino médio no que diz respeito às questões de gênero e orientação sexual. A importância do acolhimento por parte dos docentes, o medo da rejeição, das piadas pejorativas e a exclusão são pautas apresentadas ao decorrer da história, a partir dos relacionamentos e descobertas experimentadas pelos estudantes.

A sinopse apresentada no site oficial da *Netflix* apresenta a seguinte síntese: “nesta série sobre amadurecimento, os adolescentes Charlie e Nick descobrem que são mais que apenas amigos e precisam lidar com as dificuldades da vida escolar e amorosa”. Assim como na realidade em que vivemos, a série expõe como as relações de preconceito e de acolhimento para com jovens LGBTQIA+ são difundidas no espaço escolar. É neste contexto que esta pesquisa pretende verificar, através da análise da série *Heartstopper*, os desafios enfrentados por adolescentes gays, lésbicas, bissexuais e transexuais no espaço escolar.

Para analisar o convívio e conflitos cotidianos vivenciados no ambiente escolar, foi elaborado um atento levantamento dos 08 episódios, disponíveis na primeira temporada da série, intitulados: 1. *Encontro* (27 min); 2. *Crush* (32 min); 3. *Beijo* (30 min); 4. *Segredo* (29 min); 5. *Amizade* (27 min); 6. *Garotas* (30 min); 7. *Bullying* (26 min); 8. *Namoro* (33 min).

³ A sigla é utilizada para se referir às pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, *Queer*, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais e o “+” engloba todas as outras orientações sexuais e identidades de gênero.

A ruptura com a heteronormatividade, com a lgbtfobia e a transformação da escola em um ambiente acolhedor e propício para o debate sobre a diversidade são questões urgentes para que uma educação inclusiva e acolhedora seja promovida, visto que o medo, a exclusão e a ausência de ações que possam tornar as instituições de ensino em um ambiente seguro para todos impactam diretamente a relação do aluno com a escola.

A fim de compreender estas questões, o presente artigo foi dividido em três tópicos. O primeiro, intitulado “Heteronormatividade: entre o silêncio e a negação”, aborda a reprodução da heteronormatividade nas relações sociais e, conseqüentemente, nas escolas. O segundo, que recebe o título “Escola: lugar para discussões sobre gênero e sexualidade?”, expõe a importância do debate sobre as questões que envolvem a diversidade sexual na escola, na tentativa de torná-la um espaço acolhedor para todos os alunos. Por fim, o terceiro, nomeado “*Heartstopper* e a diversidade sexual no ambiente escolar”, discorre acerca das histórias desenvolvidas na escola ao longo da série, tendo como foco as relações de gênero e sexualidade.

Heteronormatividade: entre o silêncio e a negação

Iniciamos com a afirmação de que o indivíduo se dá pelas relações que estabelece com o meio em que vive (MORAES, 2005). Todavia, devemos ressaltar a existência de particularidades que fazem parte da constituição do ser e que podem influenciar o meio, contribuindo assim com a formação da personalidade e identidade deste indivíduo. Desse modo, ao viver em sociedade, os sujeitos encontram-se regularmente ligados a padrões comportamentais que definem as relações (OLIVEIRA, 2016).

Ao tratarmos de identidade sexual e identidade de gênero, devemos expor que ambas não podem ser vistas de modo essencializado, pois, como toda e qualquer outra identidade, ela é derivada de múltiplos processos históricos e transpassada por diversas complexidades, inconstâncias e mudanças que ocorrem a partir dos contextos históricos, sociais e dos interesses em que se dão os usos e reflexões a seu respeito.

Ao afirmar uma identidade e, conseqüentemente, fazer uma marcação da diferença, o sujeito está implicando mecanismos de inclusão e exclusão, dizendo “o que ele é” e ao mesmo tempo “o que ele não é”. A identidade e a diferença se complementam. E tal diferença não existe em corpos de sujeitos apenas para serem reconhecidas, mas sim para atribuir tal diferença a esse indivíduo, gerando distribuição de poder. Portanto, se o

padrão social tem como referência um homem-branco-cisgênero-heterossexual, quaisquer identidades que não correspondam tal padrão serão vistas como “diferentes”, não concebidas como algo “normal”, culminando em sua invisibilização e marginalização (LOURO, 2008). Logo,

[...] as marcas da diferença são inscritas e reinscritas pelas políticas e pelos saberes legitimados, reiteradas por variadas práticas sociais e pedagogias culturais. Se, hoje, as classificações binárias dos gêneros e da sexualidade não mais dão conta das possibilidades de práticas e de identidades, isso não significa que os sujeitos transitem livremente entre esses territórios, isso não significa que eles e elas sejam igualmente considerados (LOURO, 2008, p. 22).

As articulações entre identidade e diferença, no contexto deste trabalho, interligadas a diversidade sexual, nos transportam para a problemática da heteronormatividade, que pode ser entendida como a norma que rege as noções de gênero e sexualidade, propondo como natural uma “certa coerência entre sexo (nasceu macho, nasceu fêmea), gênero (tornou-se homem, tornou-se mulher) e orientação sexual (se é um homem, irá manifestar interesse afetivo e sexual por mulheres, e vice-versa)” (SEFFNER, 2013, p. 150).

Tal modelo binário está interligado à uma matriz heteronormativa, com códigos construídos ao redor das sexualidades e do gênero, fazendo com que este comportamento seja lido como a “ordem natural” e aqueles que não se reconheçam neste modelo são tidos como doentes, desviantes, perturbados, transtornados, pecadores, dentre outras injúrias.

Corroborando, Brosin e Tokarski (2017, p. 107) explicam que

Esses indivíduos que não concordam com a ordem de sexo, gênero e desejo imposta pela heteronormatividade escapam às regras e definições já previamente estruturadas e são deslocados da normatividade dita natural. Assim, tais seres são excluídos e restringidos socialmente devido à falta de conformação ao ideal heterossexual. E, possivelmente, por serem vistos como uma ameaça à perpetuação de referido ideal.

A discussão em torno da heteronormatividade não é um objeto recente, sua construção e solidificação ocorre desde o século XVII, quando as instituições religiosas, medicinais, militares, políticas e, mais adiante, a indústria cultural, irão pautar seus discursos em torno da sexualidade “normal” e “anormal”. Desse modo, por séculos, o

ideal heteronormativo foi ganhando força através de sua repetição propagada por instituições públicas e privadas (SANCHEZ, 2013).

Foucault (1988) discorre sobre uma “caça” às sexualidades e como as pessoas que não reproduziam um comportamento heteronormativo eram marginalizadas séculos atrás.

O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre (FOUCAULT, 1988, p. 42).

Do mesmo modo que outras formas de opressão agem, tais como o racismo, sexismo, misoginia, xenofobia e classicismo, a heteronormatividade é responsável pela construção, legitimação e hierarquização de corpos, identidades, expressões, comportamentos e estilos de vidas, expondo relações de poder sobre o corpo do indivíduo (JUNQUEIRA, 2012). Porém, cabe ainda ressaltar que “o corpo não pode ser vivido a prestações” (BRITZMAN, 2004), logo, a construção social dos corpos, bem como a ordem da sexualidade não se constitui isoladamente, mas sim entre dinâmicas, posições e oposições que moldam o mundo social (BOURDIEU, 1999).

Como Elian (2013) nos explica, a tentativa de padronizar e manter “boas” características da sociedade culmina na supressão das diversidades – culturais, sexuais e étnicas – em diversos ambientes, incluindo o escolar. A imposição da heteronormatividade na escola não é percebida, pois a mesma foi naturalizada, fazendo com que os estudantes sigam padrões sociais. Desse modo, com a ausência de conteúdos e práticas que contemplem a diversidade sexual, a escola reforça as diferenças e desigualdades, estabelecendo o que é aceitável ou não.

É através da reprodução de falas sexistas e a introdução de representações sociais baseadas no gênero que a escola, a cada dia mais, contribui com a legitimação da heteronormatividade e das desigualdades de gênero, munida da repetição de discursos datados, que não representam ou se adequam a pluralidade de vivências, experiências e narrativas presentes na sociedade contemporânea. Por exemplo:

A escola ensina desde as séries iniciais que o papai sai para trabalhar, a mamãe é quem cozinha e cuida dos filhos, as meninas brincam de

bonecas e os meninos de carrinho, assim são estabelecidos, aos poucos, lugares e categorias para todos estejam inclusos socialmente entre colegas e familiares (ELIAN, 2013, p. 02).

Dessa maneira, é necessário pensar a escola como um espelho da sociedade e não apenas como uma máquina de reprodução de padrões. Precisamos superar a barreira existente, no que tange às temáticas de gênero e sexualidade no ambiente escolar, e expor as múltiplas identidades sociais que perpassam aquele ambiente, superando a polêmica que gira em torno destes temas.

Escola: lugar para discussões sobre gênero e sexualidade?

Como supracitado, ao incitarmos a discussão sobre diversidade sexual na escola, emerge um debate, fomentado por conservadores, de que o ambiente escolar não é lugar para tal assunto. Entretanto, a escola se apresenta como um espaço que possibilita a troca e a interação social, sobretudo por compreender um grande grupo de pessoas com histórias e experiências plurais. Essa diversidade se manifesta, inclusive, ao se tratar das questões de gênero e sexualidade, afinal, os alunos não são análogos e suas identidades não seguem padrões comportamentais. Nota-se ainda que

A pluralidade de indivíduos que a escola abriga abre um leque de possibilidades para o aprendizado, pois as experiências e vivências dos “outros” podem viabilizar o crescimento e o amadurecimento pessoal e intelectual dos/as jovens e também do corpo docente e administrativo escolar. A diversidade sexual que permeia o ambiente escolar pode constituir-se em oportunidades dialógicas para destacar as múltiplas dimensões e vivências das sexualidades e dos gêneros, de modo inclusivo (SOUZA; SILVA; SANTOS, 2016, p. 112).

Ainda na tentativa de conceber a escola como um lugar onde as discussões de gênero e sexualidade são, além de possíveis, necessárias, pode-se citar o Caderno de Educação em Direitos Humanos (BRASIL, 2013, p. 52), do Ministério da Educação, que afirmou que a Educação em Direitos Humanos “(...) contém valores da justiça para os outros e de solidariedade com os outros, de responsabilidade para com os outros, de acolhida aos outros e de respeito com todas as pessoas.” Nesse sentido, é possível constatar que a escola precisa estar preparada para receber todos os alunos, compreendendo os aspectos que os compõem e toda a diversidade que carregam.

Um outro exemplo que expõe a necessidade de trazer à tona os debates sobre a diversidade sexual na escola é a Portaria 1.612 de 18 de novembro de 2011, que assegura o uso do nome social para pessoas transexuais e travestis nos órgãos do Ministério da Educação. Mesmo assim, como é exposto por Balestrin (2018), este direito não vem sendo efetivamente cumprido. Apesar das políticas que deveriam tornar o ambiente escolar seguro para as “minorias”, a escola segue sendo um espaço hostil para muitos alunos que são expostos a situações de insegurança e constrangimentos. Dessa forma, fica explícito que a manifestação plena das identidades ainda não é possível nas instituições de ensino.

Sousa e Freitas (2021), a partir de suas experiências enquanto alunos e, posteriormente, professores gays, questionam como seria possível aprender em um ambiente que reforça a ideia de que existem corpos abjetos e que fomenta o medo de ir ao banheiro ou de passar por um corredor sem a presença de um adulto que possa oferecer proteção. As “piadas”, apelidos pejorativos e, conseqüentemente, o constrangimento sofrido por grande parte dos alunos LGBTQIA+ ao longo de suas trajetórias escolares são recorrentes e trazem impactos profundos e negativos nas suas relações com a escola. Portanto, é possível notar que

Tratamentos preconceituosos, medidas discriminatórias, ofensas, constrangimentos, ameaças e agressões físicas ou verbais têm sido uma constante na vida escolar e profissional de jovens e adultos LGBT. Essas pessoas vêm-se desde cedo às voltas com uma “pedagogia do insulto”, constituída de piadas, brincadeiras, jogos, apelidos, insinuações, expressões desqualificantes – poderosos mecanismos de silenciamento e de dominação simbólica (JUNQUEIRA, 2009, p. 17).

É fato que a sensação de insegurança e a hostilidade imposta aos alunos que não seguem a heteronormatividade influenciam diretamente o processo de aprendizagem e, de uma maneira geral, toda a vida dos estudantes. Por isso, se faz necessário que a escola promova debates sobre a diversidade sexual e passe a impactar a vivência dos seus alunos de forma positiva, inclusiva, contemplando as suas diversidades. Nesse sentido, “(...) é preciso desenvolver ações, desenvolver recursos didático-pedagógicos e formar/qualificar profissionais que promovam a igualdade e o combate a todas as formas de violência” (FRIEDERICHS, 2018, p. 82).

***Heartstopper* e a diversidade sexual no ambiente escolar**

A série *Heartstopper* estreou mundialmente no dia 22 de abril de 2022, sendo disponibilizada pela plataforma *Netflix*. A série foi criada e escrita por Alice Oseman, baseada em sua *webcomic*⁴ e história em quadrinhos homônima e tem como foco a relação entre Charlie Spring, um estudante do 1º ano do ensino médio do Colégio Truham Para Rapazes, que recentemente se assumiu gay, e Nick Nelson, um estudante do 2º ano do ensino médio, da mesma escola, jogador do time de rugby e um dos garotos populares, supostamente heterossexual, mas que passa a ter dúvidas sobre sua orientação sexual após tornar-se amigo de Charlie.

Visto que a história, majoritariamente, gira em torno de jovens estudantes, percebemos que o espaço escolar é um local de grande importância para a série, tendo grande parte de suas cenas ambientadas nesses locais, seja no Colégio *Harvey Greene* Para Meninas ou no Colégio *Truham* Para Rapazes.

No início da série, adentrando o espaço físico do ambiente escolar, Charlie se encaminha para a biblioteca para encontrar Ben Hope, outro aluno de sua escola, com quem Charlie vem mantendo um relacionamento em segredo desde que se assumiu gay. Entretanto, tal relação existe apenas nas sombras e espaço isolados da escola, uma vez que Ben ainda não tem certeza sobre sua orientação sexual e reproduz um comportamento heteronormativo no cotidiano, inclusive na presença de Charlie, chegando, em uma ocasião específica, a fingir que não o conhecia no corredor da escola para que não surgissem dúvidas sobre a sua sexualidade.

Acerca do acontecimento supracitado, Louro (2000) explica que na escola é exercida uma pedagogia da sexualidade, seja pela afirmação ou pelo silenciamento, nos espaços reconhecidos e públicos ou nos cantos escondidos e privados, onde se legitima certas identidades e práticas sexuais, enquanto outras são oprimidas e marginalizadas.

Chateado após o ocorrido com Ben, no corredor, Charlie se encaminha para a sala de artes para se isolar, onde encontra o senhor Ajayi, o professor de arte, gay, que cuida e aconselha Charlie desde que o mesmo se assumiu gay no ano anterior. Charlie, então, explica toda a situação para o seu professor e como esta relação em segredo está consumindo-o.

⁴ Histórias em quadrinhos cuja publicação é veiculada exclusivamente pela Internet.

Em concordância com Netto, Villela e Corrêa (2017), sabemos que a omissão dos agentes educacionais em face a práticas homofóbicas no ambiente escolar é mais comum do que se imagina e o silenciamento frente a esses casos acaba se tornando um ato de violência também. Porém, nesta cena, vemos a importância de ter alguém para desabafar e para oferecer segurança e conforto para Charlie dentro da escola. O modelo escolar é majoritariamente voltado para estudantes heterossexuais e, dessa forma, os professores demandam um grande desafio para que as diversidades sejam compreendidas. Logo, os docentes devem ser instrumentalizados para o combate a quaisquer formas de discriminação e/ou preconceito, para que aqueles estudantes que não se enquadrem nos padrões sociais de sexualidade não se sintam excluídos ou oprimidos.

Após conversar com seu professor, Charlie se encaminha para o pátio da escola, onde se depara com Ben, até então seu namorado secreto, beijando uma garota. Vemos nesse comportamento, como Falquet (2012) expõe, a heterossexualidade obrigatória ou compulsória. Apesar de, segundo o próprio, não ter certeza acerca de sua sexualidade, Ben não apresenta nenhum problema em manter um relacionamento heterossexual em público, ao contrário de seu relacionamento homossexual com Charlie. Em muitos casos, a escola endoa a heterossexualidade compulsória com discursos heteronormativos que se tornam uma norma social, invisibilizando as relações homoafetivas.

Ao decorrer da história, nos são apresentados também os amigos de Charlie, Tao Xu, o amigo protetor, Isaac Henderson, o amigo introvertido do grupo, e Elle Argent, que acabou de se transferir de escola após se assumir uma garota transexual e luta contra o medo da rejeição na nova escola. Apesar do sentimento de solidão, Elle faz amizade com Tara Jones e Darcy Olsson, duas garotas lésbicas que mantêm seu relacionamento em segredo por medo de sofrerem lesbofobia.

Este fato posto, Oliveira (2016) nos mostra que a escola deve ser vista e pensada não como um espaço homogêneo, mas sim como um local de sociabilidade, onde a diversidade prevaleça e onde haja a convergência de experiências, seja no viés de gênero, sexualidade, origem, etnia, religião, cultura etc. Assim, apesar do cenário vivenciado por Elle, Tara e Darcy na escola, todos os estudantes devem possuir suas identidades respeitadas e legitimadas, uma vez que a diferença é um dos elementos constitutivos da vida humana, a qual é caracterizada por uma diversidade de vivências.

Aos poucos, vemos a amizade entre Charlie e Nick florescer, após se tornarem colegas de turma, o que acaba sendo uma surpresa, tanto para ambos quanto para seus

amigos, considerando que os dois possuíam vivências distintas no ambiente escolar: Nick, o popular por praticar esportes, e Charlie, o excluído por sua sexualidade. Mas, os dois conseguem superar as barreiras sociais que os separavam e podemos observar como Nick se sente confortável quando está na presença de Charlie.

Figura 01 – Nick (à esquerda) e Charlie (à direita) na sala de aula.



Fonte: *Frame* da série *Heartstopper* (2022)

Contudo, o mesmo não ocorre quando ele está na presença de seus outros amigos de escola, principalmente de Imogen Heaney, uma garota do colégio vizinho, que possui sentimentos por Nick e tenta de todas as formas tê-lo como namorado. A situação foge ainda mais do controle com a pressão que os amigos de Nick fazem para que os dois formem um casal, levando Nick a suprimir ainda mais suas dúvidas sobre a sua sexualidade.

Acerca do que Nick vem enfrentando, Lino (2012) relata que a fase da adolescência é marcada por mudanças biológicas e psicossociais, fazendo com que os jovens sofram novas e drásticas exigências sociais. Com esse despertar de novas experiências, nesta fase da vida, concomitantemente influenciados pela heterossexualidade compulsória, muitos jovens sofrem uma coerção em expressar sua verdadeira sexualidade, fazendo com que os mesmos sigam o caminho moralmente aceito na sociedade: a heterossexualidade.

Ao passar do tempo e, após se beijarem publicamente em uma festa, Tara e Darcy decidem tornar seu relacionamento público, postando uma foto no *Instagram* oficializando a relação. Todavia, o maior medo de Tara se realiza: suas colegas de escola começam a tecer comentários de cunho lesbofóbico sobre as duas. Embora não se arrependa de tornar a sua relação pública, é possível perceber como toda a situação afeta Tara e o medo da mesma de sua sexualidade se tornar seu único traço de personalidade

aos olhos alheios. Como previamente explicado, Butler (2018) descreve a heteronormatividade como uma matriz orientada pelas normas de gênero, ou seja, pelo dimorfismo sexual, heterossexualidade compulsória e também pelo privilégio do masculino. Mas, vale salientar, que a lesbofobia também deve ser lida como um dispositivo a serviço da heteronormatividade, buscando intimidar, humilhar ou fomentar violências contra mulheres pelo fato de se identificarem como lésbicas e/ou bissexuais.

A relação entre Nick e Charlie começa a desenvolver-se para além de uma simples amizade entre colegas de turma, fazendo com que Nick, assim como muitos jovens, sofra com questionamentos acerca de sua sexualidade. Nick, então, recorre à internet para sanar dúvidas sobre a sua orientação sexual. Após várias pesquisas, o adolescente se depara com inúmeras manchetes de ataques homofóbicos, o que o faz temer ser mais uma vítima caso assuma uma sexualidade não-conformante com as imposições da sociedade.

Em seus escritos acerca da masculinidade como homofobia, Kimmel (2016, p. 111) descreve a problemática existente para alguns homens em assumir uma sexualidade que não seja a heterossexual. O desejo homoerótico é visto como um desejo feminino e deve ser suprimido, assim, se a “masculinidade é uma aprovação homosocial, seu sentimento dominante é medo”. O medo rege grande parte da vida de pessoas da comunidade LGBTQIA+, seja o medo da rejeição da família, da lgbtfobia da sociedade ou, simplesmente, o medo de não conhecer realmente sua identidade, sendo Nick assolado por todas as preocupações citadas.

Mas, apesar de todo o medo, Nick declara seus sentimentos para Charlie e explica para ele suas dúvidas sobre sua orientação sexual, sem saber se é realmente gay ou bissexual e, a partir disto, os dois passam a viver um romance escondido. Mas, diferentemente de Ben, Nick demonstra uma certa preocupação em manter essa relação em segredo, pois não acredita que seja justo com Charlie que o mesmo tenha que se esconder novamente, apenas por sua sexualidade, e manter uma segunda relação em segredo.

No dia de integração musical entre os dois colégios, Nick encontra com Tara, quem conhece desde a infância e, após se sentir inspirado pelo relacionamento lésbico da amiga, Nick conta para ela que ele e Charlie estão namorando, entretanto, Nick pede segredo acerca do relacionamento, considerando que ele ainda não se sente confortável para assumir sua sexualidade, ainda desconhecida. Tara, então, aconselha o amigo a se sentir confortável com sua orientação sexual e expô-la apenas quando se sentir seguro.

Este cenário vivenciado por Nick e Charlie é comumente encontrado em nossa sociedade contemporânea, onde, em muitos casos, as relações homoafetivas são mantidas em segredo devido ao medo da homofobia. Segundo Koehler (2013, p. 134), “os comportamentos homofóbicos variam desde a violência física da agressão e da violência fatal, isto é, o assassinato, até a violência simbólica e/ou psicológica nos atos de xingar, ridicularizar, apelidar, excluir do grupo”, incluindo também o ato de afirmar que não gostaria de conviver ou frequentar qualquer espaço, incluindo o escolar, com uma pessoa homossexual, como foi abordado em uma cena onde Charlie escuta colegas, no vestiário masculino da escola, questionando sua presença ali.

Ratificando as afirmações de Koehler, Dinis (2011, p. 43) nos apresenta a conceituação de bullying homofóbico, para categorizar as violências sofridas por estudantes gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, podendo resultar “na evasão escolar de estudantes que expressam identidades sexuais e de gênero diferentes da norma heterossexual”.

Cabe ressaltar que as adolescentes travestis e as (os) adolescentes transexuais são as principais vítimas desse processo de evasão de adolescentes LGBTQIA+, por serem obrigados (as) a abandonarem a escola, já que, diferentemente de gays, lésbicas e bissexuais, possuem “mais dificuldade em esconder sua diferença, tornando-se as vítimas mais visíveis dessa violência escolar” (DINIS, 2011, p. 43), como vimos acontecer com Elle no início da temporada, onde a mesma, após assumir sua transexualidade, sofreu comentários transfóbicos, tanto dos alunos quanto de professores.

Ao final da temporada temos mais um evento conjunto entre os colégios, onde, após se sentir culpado pelos comentários de teor homofóbico tecidos sobre Charlie por seus colegas, Nick, na frente de todos os alunos de ambos os colégios, decide abandonar a partida que participava e ir em direção à Charlie, que estava na plateia, e sai de mãos dadas com ele em direção a parte interna do colégio.

Figura 02 – Charlie (à esquerda) e Nick (à direita) no evento esportivo do colégio.



Fonte: *Frame da série Heartstopper (2022)*

Após adentrarem os corredores da escola, Nick conta para Charlie como sua vida se transformou após conhecê-lo e como ele está disposto a lutar por este relacionamento e pela felicidade de ambos. Findamos com um questionamento levantado por Silva (2016): é possível ser feliz sendo uma pessoa *queer*⁵?

Sabemos que ao se identificar como *queer*, tais indivíduos estão propícios a uma vida de adversidades fomentadas pela lgbtfobia. A infelicidade tem ocupado um significativo espaço nas narrativas da comunidade LGBTQIA+, contudo, devemos reforçar que conformidade à matriz héteronormativa não garantirá a felicidade para tais sujeitos (SILVA, 2016).

Alinhada a essa busca pela emancipação da comunidade LGBTQIA+, bem como o empoderamento e felicidade destes indivíduos, temos a Teoria *Queer*, que objetiva tornar visíveis as injustiças causadas “pela disseminação na demanda ao cumprimento das normas culturais consideradas ‘normais’ em detrimento às normas ‘anormais’”. Assim, esses estudos ultrapassam as questões de sexualidade e englobam a análise e compreensão dos mecanismos de poder, de resistência e liberdade relacionados à produção de identidades (MORAES; RODRIGUES; LOUGUE, 2020, p. 08).

À vista disso, urge a necessidade das escolas aderirem à uma pedagogia *queer*, uma pedagogia que foque no processo educacional, dando ênfase nas questões de gênero e sexualidade, incluindo sujeitos não-normativos nesse processo, quebrando o paradigma de uma visão binária de poder e formulando um panorama menos conservador e mais crítico acerca das novas realidades.

⁵ *Queer* é um termo guarda-chuva da língua inglesa para minorias sexuais e de gênero, ou seja, que não são heterossexuais ou não são cisgênero.

É necessário compreendermos a escola como um espaço de questionamentos, e como responsável por consolidar as percepções e estereótipos entre certo e errado, do aceitável e do não-aceitável, do “normal” e do “anormal”. A heteronormatização compulsória não pode ter espaço neste lugar, assim como não pode ser vista como um comportamento único e legítimo, considerando a restrição causada por esta conduta e, principalmente, por não comportar uma parte da sociedade: a comunidade LGBTQIA+ (MORAIS e NEVES, 2016).

Considerações finais

Com base nas reflexões feitas ao longo deste ensaio, notamos a importância do debate acerca da diversidade sexual na escola. Ainda que avanços tenham sido promovidos, a temática carece de atenção e de progressões reais. A lgbtphobia segue presente nas relações desenvolvidas nas instituições de ensino e uma mudança concreta necessita ser produzida e executada.

É fato que, por se tratar de um problema estrutural, as soluções não serão imediatas, mas isso não impede o trabalho de debate, reflexão e construção de alternativas. É imprescindível que a escola seja pensada como um ambiente que propicie segurança para todos os seus estudantes e não seja reprodutora de um comportamento heteronormativo. Assim, os discentes encontrarão nas instituições de ensino um lugar de acolhimento para os seus dilemas e para expressar suas identidades.

Em *Heartstopper*, é possível acompanharmos o despreparo das unidades escolares, tanto no Colégio *Harvey Greene* Para Meninas, como no Colégio *Truham* Para Rapazes, para lidar com a diversidade sexual de seu corpo discente. Estudantes gays, bissexuais, lésbicas e transexuais, no âmbito escolar da série, lutam e resistem às normas heteronormativas para afirmarem sua identidade sexual, o que não deveria ocorrer em nenhum espaço escolar. Embora as duas instituições apresentadas na série não estejam adequadas para lidar com tal diversidade sexual, vale citar as exceções que nos foram mostradas, como alguns professores, de ambas as escolas, que buscaram auxiliar seus alunos LGBTQIA+ durante sua trajetória escolar.

Este trabalho ressalta a importância da escola, enquanto espaço que abriga pessoas com diferentes identidades, estar organizada para que nenhum estudante sofra exclusão e discriminação. É necessário que os profissionais da educação estejam preparados para

receber alunos como Nick, Charlie, Elle, Tara e Darcy, compreender os seus dilemas e fazer com que a escola seja um lugar seguro para cada um deles. Para isso, os docentes e demais agentes educacionais não podem se manter em silêncio ao presenciarem ações que excluam, oprimam e/ou constriam estes alunos, além de estarem prontos para agir de forma com que a diversidade, a sociabilidade e o respeito no ambiente escolar sejam mantidos.

Referências

BALESTRIN, Patrícia Abel. Introdução aos estudos de gênero e sexualidade em articulação com o campo da educação. In: SILVEIRA, Catharina *et al.* **Educação em gênero e diversidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. **Educação em Direitos Humanos: Diretrizes Nacionais** – Brasília: Coordenação Geral de Educação em SDH/PR, Direitos Humanos, Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos, 2013.

BRITZMAN, Deborah. A diferença em tom menor: algumas modulações da história da memória e da comunidade. In: WARE, Vron (Org.). **Branquidade: identidade branca e multiculturalismo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

BROSIN, Danuska; TOKARSKI, Maine Laís. Do gênero à norma: Contribuições de Judith Butler para a filosofia política feminista. **Gênero**, Niterói, v.18. n.1, 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

DINIS, Nilson Fernandes. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 39, p. 39-50, jan./abr. 2011.

ELIAN, Isabella Tymburibá. A heteronormatividade no ambiente escolar. **Anais Eletrônicos do Seminário Internacional Fazendo Gênero 10**, Florianópolis, 2013, ISSN 2179-510X. Disponível em: <http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373338752_A_RQUIVO_IsabellaTymburibaElian.pdf>. Acesso em: 07 mai. 2022.

FALQUET, Jules. Romper o tabu da heterossexualidade: contribuições da lesbianidade como movimento social e teoria política. **Cadernos de Crítica Feminista**, Ano VI, N. 5 – dezembro, 2012.

FRIEDERICHS, Marta. Educação para a igualdade e respeito à diversidade. In: SILVEIRA, Catharina *et al.* **Educação em gênero e diversidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz *et al.* **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Bagoas**: Estudos gays: gêneros e sexualidades, [S. l.], v. 1, n. 01, 2012.

KIMMEL, Michael Scott. Masculinidade como homofobia: medo, vergonha e silêncio na construção de identidade de gênero. **Revista Equatorial**, v. 03, n. 04, 2016.

KOEHLER, Sonia Maria Ferreira. Homofobia, cultura e violências: a desinformação social. **Interacções**, vol. 9, n. 26, 2013.

LINO, Tiago Alexandre Lopes Rosa. **Sexualidade na adolescência**: o impacto da culpa, da vergonha e do ambiente familiar, no desenvolvimento da agressividade nas manifestações sexuais nos adolescentes dos 12 aos 18 anos. Lisboa. Dissertação (Mestrado em Sexualidade Humana). Universidade de Lisboa. 2016.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogia da Sexualidade. In: LOURO, G.L. (Org). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia**: Pequena História Crítica. 20. ed., São Paulo: Annablume, 2005.

MORAES, Bianca Angélica Lima de; RODRIGUES, Magali Flores; LOUGUE, Thaís. Aprendendo com as diferenças: a importância da teoria queer para o século XXI. **Entrementes**, ed. 17, 2020.

MORAIS, Heros Rodrigues de; NEVES, Christopher Smith Bignardi. **A escola precisa de uma pedagogia queer?** Curitiba. Monografia (Especialização em Gênero e Diversidade na Escola). Universidade Federal do Paraná. 2016.

NETTO, André Luiz Monteiro de Souza; VILLELA, Jéssica de Sousa; CORRÊA, Sabrina da Silva. Sentimentos homofóbicos e formação de professores: a importância da educação em sexualidade. **EDUCERE - XIII Congresso Nacional de Educação**, 2017, Curitiba. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23432_12386.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2022.

OLIVEIRA, Lidiane Cristine Dutra de. **Sexualidade e heteronormatividade na escola: pensando práticas homofóbicas de educadores contra alunos**. Belo Horizonte. Monografia (Especialização em Gênero e Diversidade na Escola). Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

SANCHEZ, Marcelo Hailer. **A construção da heteronormatividade em personagens gays na telenovela**. São Paulo. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2013.

SEFFNER, Fernando. Sigam-me os bons: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 145-159, jan./mar. 2013.

SILVA, Leandro Soares. **A ficção do eu e o outro na literatura da homossexualidade**. Belo Horizonte. Tese (Doutorado em Literatura Comparada e Teoria Literária). Universidade Federal de Minas Gerais. 2016.

SOUSA, Victor Pereira de. FREITAS, Rafael Alves de. (Geo)grafias gays na escola: medos presentes e as reflexões de um corpo-lugar. **I Encontro Luso-Brasileiro de Geografias Emocionais**. 2021, Lisboa. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1yt1PAaIqCFTcPyiozBYmaZ7LQzZj9OyO/view>>. Acesso em: 11 mai. 2022.

SOUZA, Elaine de Jesus; SILVA, Joilson Pereira da; SANTOS, Claudiene. Diversidade sexual e homofobia na escola: (des)conhecimento e vivências de docentes. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 54, n. 41, p. 111-138, maio/ago. 2016.